



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – OSMAR DE ARQUINO
CENTRO DE HUMANIDADE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

CLAUDIO GEFERSON GOMES DA SILVA

**Um lampião que iluminou muitas esquinas: O jornal *Lampião da Esquina*
na Ditadura Militar Brasileira de 1964**

GUARABIRA – PB

2023

CLAUDIO GEFERSON GOMES DA SILVA

**Um lampião que iluminou muitas esquinas: O jornal *Lampião da Esquina*
na Ditadura Militar Brasileira de 1964**

Trabalho de conclusão de curso (Artigo)
apresentando a/ao Coordenação/Departamento
do curso de História da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial a obtenção
do título de graduação em História.

Orientador: Luiz Mario Dantas Burity
Coorientadora: Iany Elizabeth da Costa

GUARABIRA – PB

2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S65861 Silva, Claudio Geferson Gomes da.
Um Lampião que iluminou muitas esquinas [manuscrito] : O jornal Lampião da Esquina na Ditadura militar brasileira de 1964 / Claudio Geferson Gomes da Silva. - 2023.
29 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Luiz Mário Dantas Burity ,
Coordenação do Curso de História - CH. "

"Coorientação: Profa. Dra. Iany Elizabeth da Costa ,
Coordenação do Curso de Geografia - CH."

1. Ditadura militar. 2. Lampião da Esquina. 3. LGBT. 4.
Travestis. I. Título

21. ed. CDD 321.9

CLAUDIO GEFERSON GOMES DA SILVA

**Um lampião que iluminou muitas esquinas: O jornal *Lampião da Esquina*
na Ditadura Militar Brasileira de 1964**

Aprovado em: 28/11/2023

BANCA EXAMINADORA

Luiz Mário Dantas Burity

Prof. Dr. Luiz Mario Dantas Burity (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Iany Elizabeth da Costa

Prof.^a Dr.^a Iany Elizabeth Da Costa (Coorientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dayane N. Sobreira

Prof.^a Dr.^a Dayane Nascimento Sobreira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Susel Oliveira da Rosa

Prof.^a Dr.^a Susel Oliveira da Rosa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha família, em especial aos meus irmãos Diana e Fernando e a minha mãe Eunildes, sem o apoio e ajuda de vocês nada disso seria possível, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer a Deus, pois, sem ele ao meu lado sei que não conseguiria chegar até aqui, mesmo nos piores momentos, quando pensei em desistir, sentia que tinha algo me empurrado para frente, mandado levada a cabeça enxugar as lágrimas e seguir em frente, obrigado meu Deus por sempre estar comigo. Também não poderia deixar de agradecer a minha família, em especial à minha mãe (minha velhinha) e aos meus irmãos Fernando e Diana por todo o apoio, sem a ajuda de vocês nada disso seria possível, sei o quanto isso significa para vocês e para nossa família, sou o primeiro dos irmãos a terminar uma graduação, e muitas vezes vi que não importava o que acontecesse, eu teria sempre o apoio de vocês.

Não poderia deixar de citar alguns amigos que fizeram parte dessa jornada acadêmica e que sempre acreditaram no meu potencial, Ananda, Rafael, Jaqueline, Léo, vocês foram meu combustível para continuar, obrigado pelo apoio e por mostrarem sempre estarem disposição para me ajudar. Não poderia deixar de citar meus professores, em especial aos meus orientadores, Luiz e Iany, agradeço a paciência e a parceira durante esse ano de pesquisa, não é exagero dizer que tive os melhores orientadores do mundo me acompanhado durante toda essa pesquisa.

Por fim, quero agradecer a mim mesmo, pois mesmo com todas as adversidades que a vida colocou no meio do caminho eu não desisti, continuei lutado por um sonho que não era somente meu, finalizo essa jornada da minha vida acadêmica muito feliz, pois, sei que fiz amizades que vou levar para minha vida inteira, e pude crescer como pessoa. Sem mais, me orgulho em dizer que mais um “viado” venceu nesse país, que tanto tanta nos colocar às margens da sociedade, e agora ganha mais um historiador GAY.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Edição nº 14 do jornal Lampião da Esquina trazendo na capa Luiz Inácio Da Silva, líder do movimento operário no Brasil.....	13
Figura 2: Logotipo do jornal	15
Figura 3: Ilustração com a representação de dois homens ingressando na Arca de Noé.....	16
Figura 4: Capa do Lampião da Esquina, em seu número 36.....	17
Figura 5: seção colírio do jornal Lampião da Esquina.....	17
Figura 6: Capa do Lampião da Esquina publicada em janeiro de 1981	21

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	LAMPIÃO DA ESQUINA.....	11
3	A CENSURA EM NOME DA MORAL E DOS BONS COSTUMES	18
4	A REPRESENTAÇÃO DAS TRAVESTIS NO LAMPIÃO DA ESQUINA	21
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
	REFERÊNCIAS	29

Um lampião que iluminou muitas esquinas: O jornal *Lampião da Esquina* na Ditadura Militar Brasileira de 1964

Claudio Geferson Gomes Da Silva¹

RESUMO

O presente artigo desenvolve reflexões e estudos acerca do papel de resistência do jornal *Lampião da Esquina* na Ditadura Militar Brasileira de 1964, e apresenta também outros tópicos como a representação de travestis no jornal, e levanta discussões sobre a censura em nome da moral e dos bons costumes. Ademais, usa como metodologia de pesquisa uma análise documental do *Lampião da Esquina* disponível no acervo do Grupo Dignidade na internet e faz o uso de bibliografias que discuti essa temática. Outrossim, tem como seu objetivo principal aumentar o acesso de trabalhos que debate a história do movimento LGBT no Brasil e refrescar assunto que são pouco discutido pela sociedade dentro do contexto da Ditadura Militar de 1964.

Palavras-chaves: LGBT, Ditadura Militar, Lampião da Esquina, Travestis.

ABSTRACT

This article develops reflections and studies about the resistance role of the newspaper *Lampião da Esquina* in the Brazilian Military Dictatorship of 1964, and also presents other topics such as the representation of Transvestites in the newspaper, and raises discussions about censorship in the name of morality and good mores. Furthermore, it uses as a research methodology a documentary analysis of *Lampião da Esquina* available in the Grupo Dignidade collection on the internet, in addition to making use of bibliographies that discuss this topic. Furthermore, its main objective is to increase access to works that debate the history of the LGBT movement in Brazil and to refresh topics that are little discussed by society within the context of the 1964 Military Dictatorship.

Keywords: LGBT, Military Dictatorship, Lampião da Esquina, Transvestites

1 INTRODUÇÃO

A heteronormatividade como normas sociais que vinculam o comportamento heterossexual ao “padrão” e a norma geral de expressão da sexualidade no meio social. Refere-se à ideia de que o comportamento heterossexual é o único existente (CRDH, s/d, pp. 11).

Um estudo feito pelo Centro de Referência em Direitos Humanos (CRDH) de Porto Alegre realizou uma pesquisa sobre diversidade, e neste trabalho está presente um aglomerando de definições sobre gênero e sexualidade. Analisando essa definição, podemos entender que esse padrão de normas comportamentais vem sendo fortemente imposto pelo Estado e pela Igreja pelo menos desde a Idade Média até os tempos contemporâneos. Vale salientar que as homossexualidades e transexualidade foram denominadas como “anormalidades” ao decorrer da história da sociedade ocidental. Por muito tempo, esses argumentos buscaram sempre associar a orientação sexual e as expressões de gênero desses indivíduos como falta de vergonha, ou relacionando esse comportamento humano como uma doença. Ao decorrer da história do movimento LGBTQIA+ há diversos relatos de pessoas que foram internadas pelos seus familiares porque esses determinavam que os comportamentos daqueles indivíduos era uma falha na saúde mental.

Em um acontecimento recente na história do Brasil, Daniela Arbex (2013) levanta dados importantes em seu livro “Holocausto Brasileiro”. Ainda na introdução, a escritora conta que 70 % das pessoas que eram levadas para o manicômio “colônia” não apresentavam nenhum distúrbio mental. É de extrema importância lembrar, que em sua grande maioria os pacientes eram homossexuais, prostitutas, alcoolistas, epiléticos, pessoas que surgiram do padrão de normalidade implementado pela sociedade e que, por consequência disso, se tornavam um incômodo para suas famílias. São acontecimentos históricos como esses que provam que a perseguição as pessoas LGBTQIA+ fazia uso da medicina para validar seus argumentos e ações que irão contra os direitos humanos desse grupo social.

No entanto, o caso citado acima não é um acontecimento isolado. Tendo como recorte temporal a Ditadura Militar Brasileira de 1964, esse trabalho irá analisar a representação de pessoas LGBTQIA+ no jornal *Lampião da Esquina*, tendo como seu objetivo específico fazer um breve levantamento das edições em que as travestis eram capas das manchetes do jornal, e como eram retratada a situação das travestis durante o Ditadura Militar pela visão dos editores do *Lampião*, e além disso mostra a importância desse meio de comunicação – jornal enquanto

suporte para a resistência da comunidade LGBTQIA+ durante esse período cruel da história brasileira.

Outrossim, é de extrema importância ressaltar que esses movimentos assumem um papel de grande importância na articulação política de um movimento organizando durante um dos períodos mais violentos da história do Brasil. Essas iniciativas prepararam o caminho para que o então movimento LGBTQIA+ pudesse conquistar direitos civis importantes como a legalização do casamento homoafetivo (2011), alteração do nome e gênero no registro civil (2018), a criminalização da LGBTfobia (2019) dentre outros direitos. Porém, é importante ressaltar que, uma vez um direito sendo conquistado, nada garante que ele continue em vigor.

Mesmo que todos esses direitos sejam reconhecidos pelos Supremo Tribunal Federal (STF), existe a possibilidade deles sofrerem algum revés na atual legislatura conservadora do Congresso Nacional. Um bom exemplo disso é o projeto de lei (PL) nº 580/2007, que tem como seu principal objetivo impedir que pessoas do mesmo sexo tenham o direito ao casamento civil no Brasil. Esse é só um dos diversos casos que vem acontecendo na política brasileira, para entendermos que não basta lutarmos para conquistar nossos direitos, temos também que lutar para mantê-los.

Por fim, para esse Trabalho de Conclusão de Curso, se fez uso de análise documental do jornal *Lampião da Esquina*. A coleção está disponível para a pesquisa no acervo disponível na internet por meio do portal do Grupo Dignidade. Também foi realizada uma pesquisa bibliográfica, tendo como referência os livros do escritor Renan Quinalha, um dos principais pesquisadores sobre o movimento LGBTQIA+ na Ditadura Militar de 1964 a 1985, e que vem se dedicado há alguns anos ao tema em questão, além de outros autores e autoras que trouxeram uma importante contribuição para esse trabalho.

2 LAMPIÃO DA ESQUINA

Com a vinda dos portugueses para a cidade do Rio de Janeiro em 1808, algumas novidades também chegaram ao país, dentre elas, o primeiro jornal que se tem registro no Brasil. A *Gazeta do Rio de Janeiro* era utilizada como um meio para dar notícia das ordens do rei para todo o território brasileiro. A imprensa que se estabeleceu nas terras brasileiras visava proibir a comercialização de qualquer jornal de oposição ao governo, e isso foi colocado em prática quando surgiu um concorrente para a *Gazeta do Rio de Janeiro*. Nascia em Londres, no dia 1

de julho do mesmo ano, o *Correio Braziliense*, jornal lançado por Hipólito José da Costa, e que tinha como seu principal objetivo fazer críticas, dentre outras coisas, à atual administração do país. No entanto, mesmo tentando usar como capa de disfarce o conservadorismo, o jornal foi proibido no Brasil. Vale salientar que, a censura era bastante rígida na jovem empresa brasileira, as próprias matérias da *Gazeta do Rio de Janeiro* eram submetidas a análises que tinham como sua maior função impedir que o conteúdo divulgado no jornal fosse contra a religião, o governo, e os bons costumes (GABABEDIAN, 2020).

Um século e meio mais tarde, em um período de grande censura no país, surgiu o *Lampião da Esquina*, o primeiro jornal com temática homossexual do país. Ademais, com o golpe militar de 1964 e a implementação do Ato Institucional nº5, a censura às manifestações artísticas e culturais, que segundo os militares feriam “a moral e os bons costumes”, ficou cada vez mais frequente no Brasil. No entanto, apesar da repressão por parte do governo militar ser bastante vigorosa, isso não foi suficiente para impedir o surgimento da imprensa gay no país. É relevante ressaltar que, entre os diversos jornais que circulavam no cenário político da época, “*O Lampião*” assume um protagonismo extremamente importante para o movimento dos homossexuais no Brasil:

O surgimento do *Lampião* faz parte do inconformismo diante da repressão e do conservadorismo que se abatia sobre uma parcela da sociedade brasileira. O *Lampião da Esquina* foi o primeiro, em nível nacional, a abordar a questão da sexualidade, e principalmente da homossexualidade, além de lutar contra a repressão e o preconceito fortemente recrudescidos durante a ditadura militar (RODRIGUES, 2018, p. 90).

Como bem relata o autor citado acima, esse jornal tomaria o protagonismo na luta para a construção de uma identidade gay no Brasil. Com o seu primeiro lançamento em abril de 1978, “*O Lampião*” entraria no cenário nacional como meio de resistência à forte repressão política que se instalou no país. Com três anos em atividade, somando 41 edições lançadas, o *Lampião da Esquina* encerrou seus trabalhos em junho de 1981. Seu lançamento de estreia se deu com a publicação da edição número zero, de forma discreta, porém, com um número expressivo na tiragem. Aproximadamente 10 mil exemplares foram feitos, porém, o envio aconteceu de forma cuidadosa devidos às circunstâncias políticas do país onde a censura ainda tinha rigorosa força. É importante dizer que a partir da edição seguinte o jornal deixava-se de ser chamar apenas de *Lampião*, para assumir o nome de *Lampião da esquina*.

Ademais, o jornal se tornou um grande canal de notícias, compartilhado com toda a comunidade brasileira, mas tendo como seu principal público a comunidade LGBTQIA+. Entre seus diversos lançamentos estavam presentes temas de extrema relevância vinculados com debates sociais e culturais, como a situação dos homossexuais em Cuba, o posicionamento da Igreja perante os homossexuais e reportagens sobre travestis cariocas. (RODRIGUES, 2018).

Além disso, tinha espaço para manifestações culturais, eram frequentemente publicados contos, poesias, diversas críticas voltadas para produções cinematográficas da época (RODRIGO, 2018). Outro fato importante, é que o jornal também serviu como meio de repudiar comportamentos homofóbicos daqueles que assim os praticavam. Esse esforço mostra o entendimento dos editores e redatores do jornal de que a luta dos homossexuais estava ligada a outras lutas sociais, como a das mulheres, dos negros e da classe operária. Pode-se analisar em algumas edições do jornal uma forte presença desses temas, que ocupavam as suas capas, lançadas com objetivo de aproximar esses movimentos que estavam formando uma frente sólida contra os partidos da extrema direita ou aqueles que ameaçam a sua existência.



Figura 1: Edição nº 14 do jornal *Lampião da Esquina* trazendo na capa Luiz Inácio Da Silva, líder do movimento operário no Brasil.

Fonte: *Lampião da Esquina*, jul. 1979, capa.

Outrossim, um dos principais objetivos do jornal era trazer temas que até então foram visibilizados pela sociedade, em plena Ditadura Militar, as discussões que envolvesse tais assuntos eram silenciadas pela forte repressão que os militares implementavam perante os

movimentos sociais. Sendo assim, o conselho ditatorial do *Lampião da Esquina* assumiu a responsabilidade de trazer para as colunas do jornal questões sobre sexualidade, discriminação social, arte, ecologia entre outros tópicos (RODRIGO, 2018). O fato é que esse importante meio de comunicação, feito e produzido por homossexuais, deu destaques a essas importantes questões que se tornaram temas das manchetes do jornal.

Ao mesmo tempo em que o *Lampião da Esquina* levantara essas discussões, sofria com a forte repressão por parte do Estado. O jornal foi alvo de uma investigação feita pela Polícia Federal com o intuito de intimidar qualquer manifestação social que fosse contra os “bons costumes”. Essa ação judicial durou 12 meses e levantou um alerta no conselho editorial do jornal, pois a qualquer momento novas medidas judiciais poderiam ser feitas, colocando assim em risco a existência do periódico. Por consequência disso, durante as edições de números 18 e 19, o *Lampião da Esquina* manteve seus leitores informados quanto aos principais acontecimentos envolvendo o jornal, e, além disso, como forma de resistência, usou esse importante meio de comunicação para questionar o que seriam os tais dos “bons costumes” e qual era a questão por trás dessa justificativa que o Estado usava para criminalizar os editores. Uma longa luta para manter a sobrevivência do *Lampião da Esquina* foi travada, e como tentativa de manter o jornal ativo no país, seus organizadores publicavam uma carta que seria direcionada ao ministro da justiça, justamente com esse documento estavam nomes de importantes personalidades públicas que apoiavam uma imprensa alternativa no país, dentre esses o de Fernando Henrique Cardoso.

Além disso, “*O Lampião*” trazia em suas edições entrevistas com artistas da música, teatro, líderes de causas sociais. Entre eles, posso citar o cantor Ney Matogrosso, sua entrevista consta na edição extra número zero do jornal, lançando em dezembro de 1979, nessa mesma edição também há entrevistas com Clodovil Hernandez, Anselmo Vasconcelos, e Leci Brandão. Ao analisar essa publicação do *Lampião da Esquina*, pude perceber que os entrevistadores tinham uma certa disposição para escolher personalidades públicas que fizesse parte da comunidade LGBTQIA+, e que com sua presença, fosse possível trazer mais legitimidade para o próprio jornal e para o movimento em si.

Ademais, um fato interessante que merece ser destacado, é um trecho da entrevista de Ney Matogrosso. Em uma das perguntas direcionadas ao artista, um dos entrevistadores questiona se ele contribuía, de alguma forma, para a liberação das pessoas, se referindo à

sexualidade. O artista respondeu com uma afirmação, disse que acreditava que contribuiu com a causa de alguma forma, trago portanto um trecho da resposta de Ney Matogrosso:

Não posso assegurar em que sentido isso atinge as pessoas. Porque, note bem: nisso estou querendo transformar ninguém. Não estou dizendo, "olha, gente, eu sou assim, isso é que é o certo, o correto". Eu não tenho a menor Intenção de fazer. Isso porque acho que o correto pra cada um, cada um vai ter que descobrir qual é. Agora eu me dou o direito de me mostrar pras pessoas, sabe? Eu sou assim, dessa forma. Tenho o direito de existir dessa forma (*Lampião da Esquina*, edição extra, dez. 1979, p.4).

Além do conteúdo dos textos, o material gráfico e as ilustrações da revista partilhavam da composição do discurso libertário que constituía o carro-chefe da revista. O logotipo fazia um jogo com uma certa ambiguidade com que o masculino e o feminino eram representados no periódico. A palavra “Lampião” aparecia imponente, escrita com uma tipografia muito marcada pela serifa – elemento que conferia uma impressão clássica ao texto – e com o peso do negrito, da caixa-alta. Em contraponto, “da esquina” aparece no canto direito, como se fosse escondida, em uma fonte sem serifa, arredondada, em caixa-baixa.



Figura 2: Logotipo do jornal
Fonte: *Lampião da Esquina*, dez. 1979, ed. extra, capa.

Na mesma página da entrevista com Ney Matogrosso, uma charge satirizava uma representação da Arca de Noé, apresentando um casal de bois e um casal de homens na famigerada embarcação bíblica.

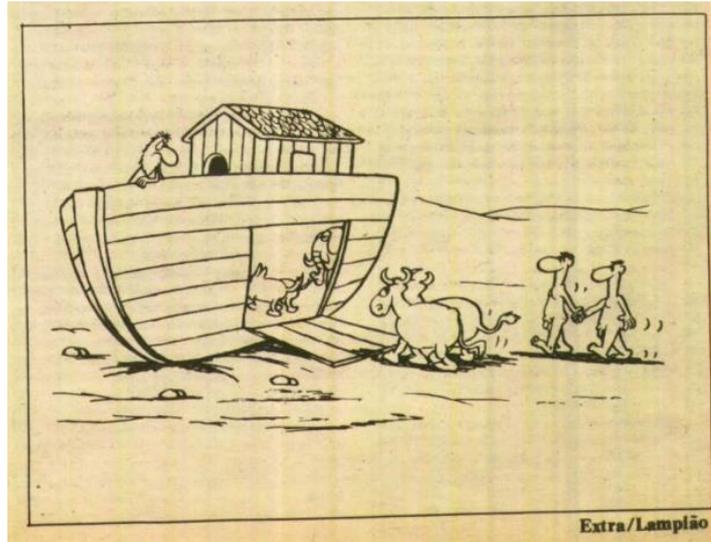


Figura 3: Ilustração com a representação de dois homens ingressando na Arca de Noé
Fonte: *Lampião da Esquina*, dez. 1979, ed. extra, capa.

As fotografias também passaram a ocupar certa centralidade nessa composição visual do periódico, das imagens mais compostas nas primeiras edições às mais explícitas em números posteriores. A penúltima edição publicada, de número 36, prometia desde a capa “Todos nus!”, com a imagem de travestis com seios à mostra. Dentro do periódico, o cantor Ney Matogrosso aparecia completamente despido dentro de uma banheira. A liberdade para a expressão da sexualidade expressa tantas vezes nas palavras do periódico, era agora estampada também nessas fotografias.



Figura 4: Capa do Lampião da Esquina, em seu número 36
 Fonte: Lampião da Esquina, mai. 1981, capa



Figura 5: seção colírio do jornal Lampião da Esquina
 Fonte: Lampião da Esquina, mai. 1981, capa

Outrossim, além das entrevistas com os artistas, está presente nessa edição a divulgação de livros no final do jornal, essas leituras trazer diversas temáticas que estavam começando a ser discutidas nas décadas de 1960, dentre as questões de sexualidades, gênero, questões raciais, além dos movimentos dos operários que foi citando anteriormente.

Por fim, depois 41 edições “*O Lampião*” se apagou, por consequência da forte crise financeira que o jornal enfrentava devido aos baixos números de exemplares vendidos e a dura repressão vinda por parte dos militares, esse importante marco na história do movimento homossexual no Brasil encerra seus trabalhos no ano de 1981, deixando assim uma contribuição significativa para diversas camadas sociais, trazendo sempre em destaque nas suas manchetes importante questões que eram invisibilizadas pela ditadura militar.

3 A CENSURA EM NOME DA MORAL E DOS BONS COSTUMES

É de extrema importância lembrar que quando vamos pesquisar sobre a Ditadura Militar no Brasil, temos que ter mente que a censura foi uma das principais armas usadas pelos militares com a finalidade de controlar tudo que circulava no país, seja em jornais ou em canções populares. Vale ressaltar, que uma parte pertinente da literatura historiográfica aponta dois tipos de censura: a política-ideológica e a moral. Em primeiro lugar, comentando brevemente sobre a censura moral, é importante entendemos que esse tipo de opressão moral já existia antes mesmo da Ditadura Militar. O Brasil tinha uma tradição censória dos costumes desde antes do golpe de 1964. Em 1940, por exemplo, foi criado o Serviço de Censura de Diversões Públicas (SCDP), que tinha como principal função censurar o que os militares gostaram de chamar de “diversões públicas” entre elas estavam o teatro, cinema, música, rádio, e casas de espetáculos (QUINALHA, 2021).

Ademais, após os militares assumirem o governo, foram criaram diversos serviços de espionagem com o objetivo de identificar qualquer ameaça que colocasse em risco a supremacia da Ditadura Militar. Mas essas agências também cumpriam a função de censurar atos que ferissem a “moral e os bons costumes”. Na televisão, os homossexuais tiveram a participação proibida, em 1972, o deputado paulista Januário Mantelli Neto apresentou um projeto de lei na Assembleia Legislativa que constava na proibição de apresentações de homossexuais em

programas de TV, meses depois o governo federal assumir o mesmo posicionamento do político, validando essa medida agora em esfera nacional.

O teatro também foi acompanhado de perto pelos órgãos de censura, as peças teatrais sofreram com uma rigorosa análise feitas pelos agentes censórios, nesse processo era feitas uma supervisão tanto no texto como nos figurinos e cenário, caso alguma coisa fugissem das exigência imposta pelos fiscalizadores, a peça era automaticamente suspensa. O cinema passou por esse mesmo processo, diversos filmes tiveram suas exibições proibidas nas salas de cinema de todo o país, produções como *“Garganta profunda”*, *“Eva: O primeiro sexo”* e *“Laranja Mecânica”* são alguns dos exemplos de filmes que foram censurados pela ditadura. Essas medidas eram feitas sempre em defesa da moral, segurança nacional, e contra uma possível “ameaça comunista”.

Já no meio musical, diversos artistas tiveram suas canções censuradas, entre eles Rita Lee, Gilberto Gil, Caetano Veloso são alguns que tiveram suas músicas marcadas pela perseguição do governo. Um caso que merece destaque é o da canção *“Rubens”* do grupo paulista *“Premeditando o Breque”*, essa música recebeu uma atenção especial dos agentes censórios, pois, se tratava de uma história de romance entre dois homens, algo que naquela época era extremamente inaceitável aos olhos dos militares, resultado a canção foi censurada em 1986 e teve sua exibição proibida em todas as rádios do país (QUINHALHA, 2021).

Outrossim, vale salientar a participação da chamada imprensa *“marrom”* como importante meio de proliferação de notícias durante o golpe. Essa parte da mídia tinha como sua principal característica a divulgação de manchetes sensacionalistas, na maioria das vezes essas reportagens tinham como personagem central pessoas LGBTQIA+. Era recorrente ver notícias que reproduziam visões estereotipadas sobre esse público nos meios de comunicação. No entanto, o que se torna curioso é o fato de mesmo sendo um reproduzidor de discriminação a homossexuais e travestis, fazendo associação desses indivíduos à criminalidade e atribuindo a eles uma visão negativa, essa parte da imprensa não escapou da censura das agências de informação do governo, que não aprovava a exposição desses corpos nas manchetes dos jornais.

Para as agências censórias, a simples presença dessas pessoas trazia um risco à “moral e os bons costumes”, pois era fundamental para os militares silenciar esses corpos e sentenciar a sua existência. Ademais, um dos primeiros de censura contra jornais durante a Ditadura Militar de 1964 que se tem registro é do jornal *Reporter*, no dia 9 de novembro de 1979, os seus periódicos foram retirados das bancas de todo o país por ordem do mistério da justiça.

Ademais, vale cita o jornal *ChanacomChana* que teve seu lançamento feito durante o III Congresso da Mulher Paulista, sendo considerando por muitos historiadores como o primeiro jornal lésbico do Brasil. Ele teve à frente da sua organização grupos oriundos do grupos *Somos*¹, como o Ação Lésbica Feminista, Terra Maria-Opção, e Militantes Independentes. (QUINALHA, 2021).

Outro fato bastante interessante, foi fiscalização feitas pelos órgãos de censura às revistas que continham em seu material imagens e fotografias obscenas. É valido ressaltar que durante esse período, uma guerra ao sexo nas revistas e jornais foi travada, em uma ação para impedir a circulação desses matérias no ano de 1970 foi publicado o decreto nº 1077, que tinha como sua principal função faz uma maior fiscalização desses materiais. Além disso, foram implementadas diversas exigências para que as editoras pudessem ter seus periódicos comercializados no Brasil.

Além disso, outro fato sobre a repressão contra as revistas e jornais, é o caso de censura contra o jornalista Celso Curi do jornal *Última Hora*. Curi era a cara por trás da produção de uma importante parte do jornal, a famosa “Coluna do Meio”, na sessão “Correio Elegante”, nela o jornalista abria espaço para correspondência entre homossexuais, o que por si só já desafiava a censura do regime que proibia esse tipo de publicações em qualquer meio de comunicação no país. No entanto, outros assuntos também eram abortados, fazendo o uso de humor, Curi criar personagens ficcionais gays com múltiplos talentos para diversas áreas, e a partir disso, explorava eles de uma forma muito criativa, e por consequência disso, a “Coluna do Meio” se tornou um sucesso no país, houve bastante procura do público, que não resistia a genialidade de Curi e seus incríveis personagens. Porém, esse sucesso todo chamou a atenção dos órgãos de repressão, e Curi foi processado por violar a “moral e os bons costumes”.

Diante desse episódio de censura ao jornalista, houve reviravoltas no caso. À procura de um advogado para fazer sua defesa, Curi sofreu homofobia. Um advogado negou-se a defendê-lo. O jornalista então decidiu assumir sua própria defesa no caso. Ao chegar no fim do processo judicial, Curi saio vitorioso, no entanto as consequências que esse processo trouxe para ele foram grandes. Em seu curso, ele perdeu seu emprego no jornal e não ganhou nenhum tipo de indenização do governo. É importante ressaltar que o fato do jornalista sair vitorioso do

¹Grupo de Afirmação Homossexual, mais conhecido como apenas *Somos*, foi um grupo em defesa dos direitos LGBTQIA+, fundado em 1978, considerado o primeiro grupo brasileiro em defesa desses direitos.

processor movido contra a ele, abriu uma brecha no Brasil para o reconhecimento da luta dos direitos LGBTQIA+ no país (QUINHALHA, 2021).

4 A REPRESENTAÇÃO DAS TRAVESTIS NO LAMPIÃO DA ESQUINA



Figura 6: Capa do *Lampião da Esquina* publicada em janeiro de 1981
Fonte: *Lampião da Esquina*, jan. 1981, capa

Durante o período da Ditadura Militar Brasileira, o movimento de homossexuais se encontrava ameaçado por uma repressão que prezava pela “moral e os bons costumes”. Diante disso, o cenário que se formava nesse período não estava nem um pouco favorável para aqueles e aquelas que fugiam dos padrões impostos. Esses corpos marginalizados pela sociedade e pelo governo, ao mesmo tempo em que eram rejeitados em público pelos pais de família, tinha em uma parcela desses “homens de respeito” a clientela que buscava os serviços de travestis nas esquinas de todo o país para saciar seus prazeres mais secretos.

Diante disso, quero trazer nessa parte do trabalho uma breve análise das representações das travestis em um dos jornais mais importantes da história do movimento LGBTQIA+ do país, o *Lampião da Esquina*. Dentro da história do próprio jornal, no decorrer das suas administrações, foram levadas diversas questões, e uma das principais é a questão de gênero. É

importante entendemos que o movimento estava, na sua grande maioria, liderado por homens, sendo eles o que tomavam as decisões e davam palavra final. Não seria exagero dizer que o “*Lampião*” era dominados pelos homens, e que as mulheres tiveram que lutar para ganhar seu espaço no jornal.

Porém, essa discussão se torna mais complicada quando nos referimos às mulheres travestis. Se formos analisar o número de vezes em que as mulheres travestis e transexuais aparecerem como manchete do *Lampião da Esquina*, veremos que foram poucas se comparado com as inúmeras edições que trazem como sua principal notícias questões referentes a homens cisgênero homossexuais. Essa imagem acima apresenta a capa de uma das poucas vezes em que encontramos travestis na capa do jornal que dava voz a comunidade durante o Regime Militar. Podemos entender, portanto, que até dentro da própria comunidade LGBTQIA+, as travestis estavam no final da fila.

Vale salienta também a importância de lembramos da diferença entre identidade de gênero e sexualidade. No que diz respeito à identidade de gênero, poderemos compreender que o gênero está relacionado ao relacionamento da pessoa com seu próprio corpo, já a sexualidade diz respeito ao sentimento amoroso e desejo sexual das pessoas em relação ao outro. Tendo essas definições, podemos entender que, uma travesti é uma mulher, e por isso estar a sugesta ao machismo bem como as mulheres cisgênero (BUTLER, 2018).

Diante o cenário de repressão e vulnerabilidade que as travestis se encontravam durante o golpe de 1964, a prostituição era um dos caminhos que essas mulheres encontravam para sobreviver. No entanto, a violência policial era fortemente direcionadas a elas por meio de prisões injustificadas e arbitrárias, sem sombra de dúvidas as travestis eram um dos alvos preferidos da ditadura, que fazia uso da força policial contra diversas travestis. Muitas foram presas e torturadas durante a Ditadura Militar no Brasil. Há relatos delas passarem dias em uma cela de delegacia, sem comida e sem direito a visitas. Também há relatos de travestis que sofreram violência sexual dos policiais dentro da própria cela (QUINALHA, 2021).

Quando não eram presas, muitas delas tinham de pagar por sua liberdade, sofrer chantagens dos agentes policiais era algo normal na vida dessas pessoas, e quando elas não cediam a essa investida dos agentes, eram levadas detidas. Mas elas encontravam um meio de não irem direto para a prisão e também de não sofrerem chantagem dos agentes. Muitas vezes, elas se automutilavam para não serem presas, quando faziam isso, os policiais eram obrigados a soltá-las ou encaminhá-las para um pronto-socorro. Vale comentar que esse não foi o único

meio de violência que as travestis sofreram durante o regime militar. Além das agressões físicas e arbitrárias, muitas delas foram obrigadas a cortarem seus cabelos e tomarem hormônios masculinos. As justificativas dos opressores para tal ato de violência era que isso estava sendo feito para que elas “voltassem a ser homens” (QUINALHA, 2021).

Analisando por essa perceptiva, podemos entender que esses corpos se encontra a mercê da violência. Era normalizado ver travestis nas esquinas de todo o país se prostituindo, ao passo em que causava certo incomodo para a sociedade quando uma travesti ocupa um lugar que não seja nas margens do submundo da segregação. Esse questionamento é levado por Judith Butler em um dos seus estudos sobre gênero e sexualidade, a autora apresenta dois momentos distintos em que esses corpos são objeto de desejo e prazer, e outro onde traz um sentimento de horror, fúria ou até mesmo violência. (BUTLER, pp. 12)

No jornal *Lampião da Esquina*, um momento simbólico é a entrevista consentida por Rogéria e publicada na edição nº 32, de janeiro de 1981. A entrevista com a famosa travesti ocupou as páginas 08, 09, 10, e 13, levando o título de “Rogéria Super Star: confissões íntimas da camisa 10 das travestis”. No texto, ela fala de sua vida íntima. De início, um dos entrevistadores comenta que Rogéria é muito conhecida no Brasil inteiro, mas questiona como foi no começo da sua carreira, como era a vida dela antes da fama. A entrevistada responde fazendo um breve resumo sobre sua experiência na Cinelândia, ao decorrer da resposta ela relata que, enquanto garotinho, frequentava com bastante frequência esse local em busca de companhias.

Ao longo da entrevista, a entrevistada conta que frequentava o baile da República, uma famosa festa dos anos 1960. Um fato interessante dessa parte da entrevista é quando Rogéria diz que “estреou” como travesti no ano de 1964, por coincidência ou não, no mesmo ano do golpe militar no país. Conseqüentemente, o cenário político-social do Brasil se mostrou cada vez mais hostil para as travestis, e por isso, a vida de milhares de travestis como Rogéria estavam cada vez mais ameaçadas pelos militares. Posteriormente, ela conta como foi descoberta por outra travesti. Isso aconteceu nesse mesmo baile e se deu de uma forma inusitada, Rogéria conta que ao passar por Jaine Angel (uma famosa travesti que frequentava os grandes bailes da época), essa ficou encantada com o charme de Rogéria, e logo virou-se para seu amigo um produtor de eventos e indicou ela para o show “International Sex” um grande espetáculo com travestis como protagonistas.

Enquanto descrevia como foi a sua experiência nos espetáculos, ela citou nomes de colegas de trabalho, dentre elas Marquesa, Nádia Kendall, Carmen, entre outras. Logo em seguida, vem um dos momentos mais interessantes da entrevista, nele Rogéria conta que a primeira pessoa que acreditou no seu potencial foi Stanislaw Ponte Preta². A travesti demonstrava, por meio de suas palavras agradecimentos, pelas inúmeras oportunidades que Ponte Preta a ofereceu, e também afirma que depois desses shows sua carreira como artista estourou no Brasil inteiro. Além disso, um dos momentos mais constrangedores da entrevista é quando a entrevistada é questionada se esses diversos convites para espetáculos eram apenas por seu talento. A resposta para essa pergunta tão importuna veio com tom de revolta e raiva, Rogéria relata que foi contratada porque sabe lidar com pressão e corresponde quando é solicitada, acrescenta que sente horror em pensar que existem pessoas que atribuem o seu sucesso ao fato dela ser travesti.

Outro fato que merece destaque é quando Rogéria conta como foi sua experiência de trabalho fora do Brasil. Em uma das ocasiões em Barcelona, ela descreve com bastante revolta o episódio de transfobia que sofreu da polícia espanhola. Nesse incidente, os agentes policiais queriam obrigar a travesti brasileira a cortar sua genitália para poder trabalhar usado peruca. Revoltada com a situação, a solução encontrada por ela foi ter uma conversa com seu chefe e pedir licença para tirar uns meses de férias em Andorra, o pedido foi atendido e assim foi a forma que Rogéria encontrou de fugir da violência policial, com esse novo destino ela conseguiu, por meio de amizade, um novo trabalho para poder arcar com as dispensas.

Depois disso, a travesti brasileira mais famosa do país volta ao seu país de origem e emplaca diversos trabalhos como atriz, e em seguida retorna aos palcos para fazer o que ela descreve como “show de travesti”. É importante ressaltar que nesse trecho da entrevista Rogéria deixa evidente que precisou mostrar que era capaz de fazer grandes papéis nos espetáculos de grandes produtoras do país. É relevante evidenciar essa parte do diálogo entre Rogéria e os redatores do jornal porque se trata de uma mulher travesti nos anos 1960, vivendo em um país que estava a mercê de uma Ditadura Militar que reforçava a todo momento as arbitrariedades e violência contra esse público. Ocasionalmente, durante a reportagem, Rogéria era questionada com perguntas polêmicas, nesse caso em específico o assunto da vez foi sobre o quesito salarial, ao ser abordada se tinha ganhado muito dinheiro em seus papéis como atriz, o feedback da

²Escritor, radialista, cronista Sergio Porto nasceu no Rio de Janeiro em 1923. Em 1951, criou seu personagem mais famoso Stanislaw Ponte Preta, e sob esse heterônimo escreveu para jornais como *Diários Carioca* e *Última Hora*.

artista sobre sua experiência na Europa foi negativo, ela deixa nítido que não ganhou nada durante o tempo que passou em terras estrangeiras.

Ademais, em outra parte da entrevista Rogéria comenta um pouco sobre questões referente a registro civil, um tópico que marca a história da luta de pessoas transexuais por reconhecimento da sua cidadania respeitando sua identidade de gênero. Em outro momento, a conversa aborda outro assunto bastante importante, como a ausência da artista em programas de TV. Durante sua resposta, Rogéria evidencia que se tivesse oportunidade de comandar um programa em rede nacional teria mais visibilidade do que os grandes nomes da televisão brasileira. No entanto, algo a impedia de realizar esse sonho. Ao considerar que seria o governo o principal agente que censurava a sua presença nos programas de TV, a artista levanta uma reflexão a respeito e diz: “Eu tenho certeza: se tivesse nascido na América, hoje seria estrela internacional. Mas nasci no Brasil.”.

Vale destacar, que quando se referia a “América”, ela na verdade estava querendo se referir aos Estados Unidos. No final dos anos 1960, acontecia nos Estados Unidos um pioneirismo na luta por direitos sociais dos homossexuais, e por consequência disso, o surgimento de diversos movimentos sociais com pautas que tinham como principal objetivo a conquista de direitos civis essenciais para esse público, e o ato que contribuiu para o nascimento desses movimentos sociais foi a “*Revolta de Stonewall*”³ e foi a partir desse marco histórico, que houve uma abertura para a conquista de direitos humanos e uma esperança na vida de pessoas LGBTQIA+.

Durante as perguntas feitas para Rogéria, diversos assuntos foram surgindo, dentre eles alguns que tinham como principal pauta a vida particular da artista, assuntos esses como a sua relação com seus familiares e sua vida amorosa. Ao decorrer das respostas da entrevistada, alguns relatos merecem destaque, como a relação de Rogéria com a mãe, e a ausência do pai em sua vida. Em um trecho da entrevista, Rogéria deixa explícito isso, quando diz que a mãe exerceu além do seu papel como mãe, a função paterna na família. Em seguida, conta um pouco como costuma lidar com seus relacionamentos amorosos, deixando nítido ao decorrer de suas respostas que teve alguns parceiros durante sua juventude, relata também como era a dinâmica da sua rotina quando estava em um relacionamento com algum homem, um fato curioso era que ela não gostava de morar na mesma casa que seu parceiro. Rogéria deixa claro que presava pela

³A Revolta de Stonewall, como ficou conhecida, é considerada o marco zero do movimento moderno pelos direitos humanos da comunidade LGBTQIA+. O ocorrido foi o estopim para a criação de movimentos sociais estadunidenses que surgiram no mesmo ano, como a “Frente de Libertação Gay” e “Aliança dos Ativistas Gays”.

sua “individualidade”. Depois disso, os entrevistadores começam a bombardear a convidada com perguntas sobre suas partes íntimas, deixando assim Rogéria nitidamente constrangida com as perguntas, ela em um primeiro momento diz que não irá responder esse tipo de questionamento, mas, com a insistência dos entrevistadores acaba falando um pouco sobre o assunto, matado assim a curiosidade deles.

Em uma parte específica da entrevista, Aguinaldo Silva, um dos entrevistadores, pergunta a Rogéria como era quando ela usa o banheiro. A resposta para essa pergunta polêmica vem rápida, ela conta que sempre vai aos banheiros femininos, e o motivo dessa escolha é o fato dela detestar quando as pessoas pensam que, ao entrar em um banheiro masculino, ela estaria ali para praticar atos obscenos, o que obviamente deixa Rogéria muito constrangida. Além disso, outra questão que contribui para sua escolha é a privacidade que os banheiros femininos oferecem, o que a deixa mais à vontade nesse ambiente. Logo após, ela é questionada novamente sobre essa mesma questão, dessa vez a pergunta vem com ar de curiosidade, a dúvida da vez é se Rogéria lembrava da primeira ocasião que decidiu entrar em um banheiro para mulheres. Ela conta que foi em um metrô em Paris, relata que não teve muitos problemas nessa ocasião e que conseguiu fazer o uso do banheiro. Dentro dessa mesma temática, outra pergunta surgiu, o debate da vez era sobre se Rogéria tinha sentido uma emoção especial ao entrar nesse local, ela diz que se sentiu audaciosa ao frequentar esse ambiente, mas deixa claro que seria mais audaciosa se continuasse frequentado o banheiro masculino, deixando nítido que no lugar reservado aos homens a recepção para as travestis não era nada receptiva.

Nesse trecho da reportagem, o assunto levado pelos entrevistadores traz à tona a luta de pessoas transexuais por direitos indefensáveis que persiste até os dias atuais. É relevante dizer, que não há legislação federal que garanta o acesso de mulheres e homens transexuais a banheiros públicos de acordo com o gênero com que se identificam (MARTINS, 2023). Enquanto os homossexuais lutam por direitos civis como casamento, a comunidade transexual luta por direitos básicos, como fazer o uso de banheiro sem sofrer nenhuma violência seja ela física ou verbal. É importante levantar essa questão pois por muito tempo esse público era o que menos tinha visibilidade, realidade essa que vem mudando aos poucos, com mais representatividade na política e na mídia, pessoas travestis e transexuais vem conquistando um espaço que não era possível ocupar a 50 anos atrás.

Ademais, o assunto da entrevista muda quando outro dos entrevistadores pergunta se nesses países que Rogéria conheceu ao longo de suas viagens internacionais existia movimentos

homossexuais. Ela responde que participou de uma passeata contra a extrema direita quando estava em Paris, conta também que foi por influência de uma amiga e que nessa ocasião estavam presentes negros, judeus, homossexuais. Um ato político, mas que abria espaço para outros movimentos sociais. Por fim, depois de uma longa entrevista, a tão esperada entrevista da mais famosa travesti do Brasil, é publicada na edição número 32, em janeiro de 1981.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho de conclusão de curso foi abordar o jornal *Lampião da Esquina* durante a Ditadura Militar Brasileira de 1964, com foco nas representações das travestis e nas formas de censura às manifestações artísticas e meios de comunicação. Vale ressaltar que, ao apontar essa temática, se tornou necessário fazer uma análise documental das edições do jornal como meio de obter informações sobre o referido assunto. Outrossim, usando referências de autores que abordam essa discussão, obtive alguns resultados bastante interessantes. Dentre eles, uma visão de quais eram as principais armas e formas usada pelo regime para oprimir e censura o *Lampião da Esquina* e outros jornais que fugissem do que fossem “a moral e os bons costumes”, além dos meios arbitrários que foram usados para prender travestis durante todo esse período.

Ademais, se tornar extremamente importante trabalhar como esse tema, pois é preciso contar essas histórias para acender na memória do povo brasileiro o que aconteceu durante a Ditadura Militar. Lembrar é reviver, e portanto, precisamos reviver esse período tão cruel da nossa história, e além disso, traz mais visibilidade para essa área de pesquisa. Discutir questões como essas é fundamental para enriquecer um acesso de trabalho sobre a comunidade LGBTQIA+ no contexto da Ditadura Militar que infelizmente ainda é muito escasso. Dessa forma, podemos contribuir compartilhando informações e distribuindo referências bibliográficas sobre essa temática. No país onde travestis são mortas queimadas em praça pública, falar sobre representatividade LGBTQIA+ é um ato de resistência.

Outrossim, de modo particular esse tema em questão se tornar muito importante, pois, traz com ele um significado especial, é nítido que ser uma pessoa LGBTQIA+ no Brasil não é um tarefa nada fácil, mas, devemos resistência à opressão que nos é imposta diariamente, temos muitos pesquisadores e pesquisadoras extremamente importantes que trazerem consigo a bandeira LGBTQIA+. Os seus estudos foram de extrema importância para a realização desse

trabalho, no entanto, dentre todos eles não poderia deixar de citar Renan Quinalha, que mesmo sendo tão jovem já se tornou referência nos estudos sobre sexualidade aqui no Brasil. Vale salientar que minha relação do com esse objeto de estudo veio por meio de pesquisa, principalmente, pelas leituras das obras do autor citado anteriormente. Fui apresentando à história da minha comunidade a qual pouco conhecia, posteriormente, a vontade se aprender aumentou e me vi mergulhado em trabalhos que levanta essas pautas.

Por fim, se tornou extremamente importante retomamos ao passado e fazer um levantamento de um dos jornais mais emblemático da história brasileira. O *Lampião da Esquina* marcou uma geração que sempre lutou por uma sociedade mais justa, com mais inclusão, principalmente para aqueles que era rejeitados pela sociedade, se tornou um marco na história do movimento LGBTQIA+ brasileiro, e carregou consigo um valor mesurável, pois ao logo das suas manchetes deu voz àqueles e àquelas que eram silenciados e silenciadas pelo Estado.

REFERÊNCIAS

ARBEX, Daniela. *Holocausto Brasileiro*. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

BUTLER, Judith. Os atos performativos e constituição do gênero: Um ensaio sobre fenomenológico e teoria feminista. *Caderno de leitura*, n. 78, jun. 2018, p.1-16.

Centro de Referência em Direitos Humanos. **Glossário da Diversidade**. Disponível em: <https://www.defensoria.rs.def.br/upload/arquivos/201906/28134614-glossario-da-diversidade.pdf>. Acesso em 18 nov. 2023.

GREEN, James Naylor. O grupo Somos, a esquerda e a resistência à ditadura. In: GREEN, James Naylor; QUINALHA, Renan (Orgs.). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

GREEN, James Naylor; QUINALHA, Renan (Orgs.). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca pela verdade*. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

GREEN, James. et ad. *História do movimento LGBT no Brasil*. São Paulo, Alameda Editorial, 2018

Lampião da Esquina, 1978-1981. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/jornal-lampiao-da-esquina-1978-1981/>. Acesso em 18/11/2023.

QUINALHA, Renan Honório. Censura moral na ditadura brasileira: entre o direito e a política. *Revista Direito e Práxis*, [s.l.], dez. 2019.

QUINALHA, Renan. *Contra moral e os bons costume: A ditadura e a repressão à comunidade LGBT*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021 (Coleção arquivos da repressão no Brasil/ coordenação Heloisa M. Starling).

QUINALHA, Renan. *Lampião da Esquina na mira da ditadura hetero-militar de 1964*. São Paulo, 2021.

QUINALHA, Renan. *Movimento LGBTI+: Um breve história do século XIX aos nossos dias*/ Renan Quinalha. – Belo Horizonte: Autêntica, 2022. – (Coleção Ensaios; coordenação Ricardo Musse.)

QUINALHA, Renan. *O mito fundador de Stonewall*. São Paulo, 2019.

RNEY, Lance; FERNANDES, Marisa; GREEN, James. *Homossexualidade no Brasil: uma bibliografia anotada*. Cadernos AEL, Campinas, v. 18, n. 19, 2010.

TEVISSAN, João S. *Devassos no Paraíso (4ª edição, revista e ampliada) – A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. São Paulo, 2018 – Editora Objetiva